

Clube de Paris tem por regra a discrição nas renegociações

Fritz Utzeri
Correspondente

Paris — “Sempre que nos reunimos, sabemos que é preciso chegar a uma solução. Nós somos homens práticos”. A reunião em questão é a do Clube de Paris, um organismo que uma vez por mês junta devedores e credores em Paris para discutir e reescalonar dívidas de países a outros. A definição do espírito dos encontros é do presidente do Clube, o francês Jean Claude Trichet.

As vésperas de uma nova reunião ordinária do Clube, no próximo dia 18, Trichet concordou em falar ao JORNAL DO BRASIL, mas ressaltando de saída que nada diria sobre como vê as perspectivas brasileiras nas negociações que se iniciam.

— O Brasil é membro do Clube e dono de suas próprias informações —, salienta, acrescentando que, para o Clube, “a regra é a discrição”.

Trichet é chefe de gabinete do ministro das Finanças da França, Édouard Balladour. Seu gabinete, na pompa do Palácio do Louvre, com móveis de estilo e mordomos de casa, sugere mais um luxo passado do que a potência da instituição que dirige. Todos os anos, ali são renegociados 10 bilhões de dólares e nos últimos três anos foram reescalados nada menos que 40 bilhões de dólares em dívidas. Só para dar uma idéia do volume, o FMI — um monstro burocrático em Washington com ramificações em todo o mundo — renegociou no ano passado 7 bilhões de dólares.

Sem burocracia

Mas, ao contrário das instituições criadas pelos governos, geralmente abarrotadas de burocratas, o Clube de Paris não existe. No catálogo telefônico de Paris, há um Clube de Paris e o telefone 43 59 518, mas quem ligar vai poder, no máximo, reservar uma mesa num bar, cujo proprietário não agüenta mais responder telefonemas sobre renegociação de dívidas que ultrapassam de muito o seu modesto negócio.

O Clube mesmo, o que o Brasil vai enfrentar esta semana, não tem sede, funcionários nem telefone. Reúne-se uma vez por mês, ora num grande hotel da cidade, ora no Ministério das Finanças, ora no Centro Internacional de Finanças, na Avenida Kleber. A presidência do Clube é sempre de um francês. O antecessor de Trichet no

cargo foi Michael Camdessus, atual presidente do Banco da França é um dos nomes cotados para suceder a Jacques de Larosière à frente do FMI.

— Nós não criamos qualquer estrutura particular para tratar do reescalonamento das dívidas de países. Somos uma organização informal que funciona de modo rápido e eficaz — diz Trichet. Nas reuniões, discutem-se as dívidas de governo a governo, as garantidas por governos e os seguros de créditos à exportação. Trichet explica que a organização não é como as nações Unidas que tem um quadro fixo ao qual é preciso ser admitido por votação dos demais sócios. Para entrar no Clube de Paris, basta ser país e credor. O Brasil, por exemplo, é membro do Clube, sendo credor, entre outros, da Polónia.

— Todos os países que querem vir são bem-vindos — afirma Trichet, informando que há, atualmente, 15 membros, um número que pode chegar a 20.

Clima de conchave

Nas reuniões de renegociação, as decisões são tomadas por consenso, tanto dos credores como dos devedores, afirma o presidente. O ambiente nas salas é algo parecido com a eleição de um papa, com a diferença de que não há votação e a distância que separa a fumaça preta da fumaça branca é sensivelmente mais curta que a de um conclave no Vaticano. Uma reunião de renegociação dura entre um dia e meio e dois dias.

Um exemplo típico de como as coisas se passam foi a renegociação da dívida mexicana em meados de setembro. O México, às voltas então com uma crise de liquidez que o impedia de saldar seus compromissos públicos, algo em torno de 1,8 bilhão de dólares, recorreu ao Clube de Paris. No dia 17 pela manhã, na sala das comissões, na Rue de Rivoli, no Louvre, os mexicanos e seus credores encontraram-se. Ou melhor não se encontraram. Cada delegação presente à reunião ficou numa sala. Enquanto isso Trichet e seu secretariado (dois altos funcionários do Tesouro francês, Jean de Rosen e Denis Samuel-Lajeunesse) faziam uma espécie de “ponte” de sala a sala, discutindo e costurando o acordo que foi fechado a uma das madrugada. O México ganhava um prazo maior para pagar.

Mas a rapidez de decisão do Clube não significa que um acordo seja fácil.

“Outra observação fundamental é que todas as decisões repousam sobre a condicionalidade. Ou seja, não há reescalonamento sem um plano de reestruturação sério e crível por parte do país endividado. Uma das regras do Clube até agora é condicionar cada renegociação à certificação, através de um acordo *stand by* com o Fundo Monetário Internacional”, lembra Trichet.

Questionado sobre o relatório do Fundo, bastante favorável ao Brasil e sobre a disposição que o nosso país poderá encontrar na reunião, Trichet não abre a guarda. “Sobre isso manterei total discrição.” O fato é que até aqui o acordo do Fundo sempre foi um pré-requisito, pois, não dispondo de estrutura para monitorar o desempenho das economias, o Clube de Paris usa a do Fundo.

Encontro rotineiro

Além de tomarem decisões por consenso e pedirem o aval do FMI, os membros do Clube têm como princípio repartir de modo igual todos os esforços necessários ao reescalonamento das dívidas e tudo isso é feito dentro de um clima de discrição ainda maior do que o existente no comitê de bancos que renegocia as dívidas em Nova Iorque, devido a uma diferença fundamental: os representantes do Clube estão espalhados por vários países.

Na reunião de renegociação — a do dia 18 não é uma reunião de renegociação, mas um encontro rotineiro no qual os participantes poderão marcar a reunião de renegociação da dívida pública do Brasil — há, além da presença dos credores, a do FMI, do Banco Mundial, do Banco Interamericano de Desenvolvimento, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), da Comunidade Econômica Européia e do secretariado da Unctad. Nessa renegociação, quando ocorrer, o ministro Dilson Fumaro deverá estar presente.

Sempre que a reunião de renegociação é marcada, é sinal que o acordo já está mais ou menos encaminhado. Antes do encontro, muitas explicações são dadas e os *dossiers* são cuidadosamente preparados.

— O FMI acompanha a negociação de perto. Antes de decidir, vamos ter que ouvir os relatórios do Fundo e do governo brasileiro — afirma Trichet.